

Os Simples

ORGAM DO PENSAR DE MOÇO

Ano II.— MARANHÃO—Barra do Corda, 12 de Dezembro de 1915 | Número 26

De leve

«O heroico povo do «Quarteirão», naquela «poze» do costume, resolveu desligar-se de alguém que seja contrario ao seu partido..... a que lado queres pertencer?»—Serip.

Compadre Serip (cuidado) Eis a minha opinião sobre esse teu «quarteirão», pelo povo, mui falado... —Pobre e rude setanejo que sou, longe da cidade, negar, não posso, a verdade ante as balbúrdias que vejo

Todos possuímos idéas íntimas, que, muito antes, de reveladas a um amigo qualquer (seja grego ou troiano) devem ser escrupulosamente examinadas. Tua carta narra-me coisas desagradáveis sobre a «conflagração» na sociedade.

Na Barra do Corda—se é verdade o que medizes—precizo se torna passar uma esponja sobre os preconceitos. Reina entre nós, como em toda parte, uns mixiricos de máo caráter a debelar a concordia e bem-estar sociais.

Sabes qual a minha attitude em face das partes «beligerantes»?—E' muito Simples: não aspiro neutralidade nem tenciono imitar os que, assim, se manifestam.

Fazer tudo pela paz, arrimar-me á maioria, seguir o bom-senso, rebater os germens da corrupção social—isto, sim, é que consiste

Ela...

Alma de bondade infinda, sem melindres de riqueza, tem seu dote de nobreza: —Casta, sedutora e linda!

Traduz fulgôr de esperança, em seu caráter sinjelo, onipotente e mais belo, —O seu rizo de criança...

Simples—prêche de ternura— leva a vida assim... Formosa! Tudo a-duz... como a Rôza —Mais bela flor da Natura

Sua voz—écco cavatina, Seu tódo—feliz, clemente, traz-me o coração fremente de Amor...— Sensação divina...

SOUZA BIRFO

a minha opinião nua e crúa... e, se quizeres, sigamos, unidos, física e mentalmente, para o fim colimado, animando os fracos e convidando os fortes.....

Sobre os muitos, cazamentos a sociedade tem al, vejo que é um ótimo passo para o progresso da sociedade. Realmente. As meninas da-gora, candidatas ao himineu, prestarão um grande serviço, ás venerandas «tias», devastando trincheiras, aclarando horizontes...

E você, amigo (cá p'ra nós), quando tencionas ceder-se ao calor das saías?

—Eu—que admito as trans-cinhas negras, amo meigos olhares, adoro lindas faces e frequentinas mãos de alabastro—já se sabe...espero

pela safra, se for abundante...

Mas... se viér o arrependimento, depois do laçado é que será o diabo.

E' certo. Quem «majina num» caza... Por isso, meu caro, a mulher tem visgo o seremos, forçosamente, «vis-gados»...

Assisti a 15 de Novembro, á festa d'«Os Simples» & «Euterpe» que esteve, de-veras, n'altura.

A sessão literaria revestiu-se de imponente brilho; e, como notaste, os oradores, no afan de soltarem, ao, quatro-ventos, as suas produções litero-libertadoras, bradaram «contra» rotinas, falaram da Constituição com quem seja de «trapo»

«Os Simples»

PUBLICAÇÃO MENSAL

ASSINATURAS

Dentro da cidade 1\$000
Fora 2\$000
Numero avulso \$100

— PAGAMENTO ADIANTADO —

REDATORES

Souza Bispo | João Pires
Tunico Braga | Ismael Salomão

velhos»: e, enfim, bordaram a manta e pintaram o sêto com a Republica... Infelizmente, coreograficamente falando, não houve a mínima animação. Mas... tudo tem o seu porquê.

Serviu de lição aos promotores.

Amathã talvez farão convites especiais e, sobre tudo, espiculos...

D. Xisto.

Coronel Frederico Fi-

gueira

O nome que encima estas linhas, aqui traçadas, constitui para os barracordenses o que de mais sublime e mais heroico orna as paginas de sua simples historia. Tem elle sido o alvo das setas venenosas de seus adversarios, mas nem por isso deixara de gosar as sympathias e os applausos desse povo que o cerca.

A semelhança de certas flores que deixam se evolir o seu frescalante perfume não as impedindo as hêras que as envolvam, assim também sob o manto da modestia, realçam os seus doctes moraes, a sua honra impollute e enfim tudo o que

de puro e grandioso ennobrece e eleva um coração. É com demaziada razão que os seus admiradores, vêm alacrememente entre risos e harmonias congratular-se com elle pela promissora e festiva data do seu anniversario natalicio, fazendo-o sciente mais uma vez que o seu nome jamais será apagado de suas memorias. Jornalista, solteiro, e intemerato, orador scintillante, tam sêto elle, deixando implantado n'alma dos que pressurosos o escutam a mais grata recordação. A sua alma é sempre jovem, embora a neve tenha pousado sobre seus cabellos, embora a sua face esteja sulcada de rugas, mas é indubitavelmente a insana peleja e o labor, que têm concorrido para mais depressa envelhece-lo.

Sendo eu uma das suas humildes admiradoras, e não me podendo furtar ás intimas vibrações de meu ser por esta alviçareira data, deixo gravada nestas pallidas mais sinceras linhas, o preito de homenagem que hoje lhe rendo.

Rocilda Chaves

A Partida

Doze horas.

O sol estava nublado, a passarada, pensativa e tristonha, poizava nos galhos sombrios das mangueiras sem dar sequer um gorgeio, a cidade inteira estava calma e a paisagem toda quieta. Notava uma tristeza imensa como que fosse acontecer uma desgraça.

Que seria?

Meu coração já começava enegrecer.

Parecia que queria ser coberto de um luto profundo. Mas, porque?

Recordava-me do passado— nada via. Imaginava o futu-

ro—e só podia attribuir o momento angustioso da partida a partida!

Era proxima a hora da partida.

Dolorôzo é o momento quando dois corações que se sabem amar vão se apartar.

Duas badaladas tetricas, lentamente, uma a uma, soaram.

Mansamente farfalhou a briza em meus ouvidos como a me dizer que a hora era chegada.

Córro para lá, para o ponto da partida.

Eil-a montada. Acompanhei-a até longe, muito longe, onde via, sempre e sempre a paisagem toda calma, sem murmuro algum, impressionando tristemente a separação dos dois corações.

Dai-lhe o ultimo adeus, lancei-lhe o derradeiro olhar no seu rosto rozeo e meigo.

E a proporção que o seu ginete caminhava passo a passo até a ultima volta aonde ainda pude ver os seus lindos cabelos louros tanjidos pela doce briza enviada naquêl instante por Deus, iam as grossas lagrimas rolando pelas minhas faces.

E repeti o que disse o grande poeta:

«Vae! bate as azas como as andorinhas no tempo triste das emigrações! Atraz de ti vão-se as saudades, minhas batendo as azas pelas solidões. Como as doudas e negras andorinhas!»

Nilo

Mais um...

Ledôr amigo. Eis que são, novamente, em cena, o pobre W.

Eil-o resuscitado a trilhar a senda jornalística, e re-

biscar o seu «terceiro amor».

Sim, caro leitor, eis-o resuscitado fazendo-te o confidente de seus amores. Como já o serviste ao «primeiro» e ao «segundo», acho que o serás, também, para este.

Hein!!

E se eu dissesse que minha predileta é a rainha da formosura entre as senhorinhas baetacordenses, o que aconteceria?

O amigo que, também, tam as suas, exclamaria: — «Ira, que mentira!».

Mais um pouco de paciência, acêste o pice-nez na gaita e lêia, atenciosamente, o perfil da menina: mas... não vá apaixonar-se por ela do contrário esbarratamos na caza da pouca fariuza.

Ela, cá p'ra mim, é a diva dos meus pensamentos.

O! como lembro-me agora, quando ela passa com seu vestido cor de rosa, no seu passo miudinho e cheio de encantos...

Os cabelos negros e op-dados, espalham-se pelos ombros.

Quando ela solta o seu ri-zo arjentino deixa ver os dentes duma alvura alabastrina.

Para completar, enfim, o seu perfil, digo-te que, ela, é o paradigma da beleza.

— Sabes, o que mais?

— Não?

Eu t'o digo: Amo-a e... ela não sabe disto.

Adeus.

Até p'r'o ano que vem.

Susto

Ha dias, o povo desta cidade passou por um susto desesperador.

— Sumiu se, quando ia a um bota-fôra, o nosso inclito professor.

Levantou-se a celeu-ma!!

— Foi?

— Não foi!

— Onde está?

— O professor sumiu!

O Zéca Franco, dono da burra em que se sumira o nosso professor, andava com as mãos na cabeça, lastimando a perda da sua burrinha!

Passaram-se dias e do nosso professor não havia noticia...

Muitos pensavam já que alguma onça comêra o nosso amiguinho.

Mas, oh! Nada disso acontecera.

Um dia surge o illustre desaparecido...

Aonde foi?! Aonde foi?!

— Perguntamos-lhe e ele nos respondeu:

«Fui matar a sede do meu coração...
Pois o amor não cede a saudade, não!»

VIAJANTES

— De regresso do povoado Papagaio chegou ha dias a nossa prezada assinante Maria Fialho.

— Para aquele povoado seguiram Major Francisco Pinto com a familia, as senhorinhas Vitoria Melo, Lupercia Arruda, os srs. Almir Silva, Afonso Lima e Newton Figueira com sua cunhada Anisia Lima.

Almanach d'O Pensamento

PARA 1916

Recobemos um exemplar desta atrahente publicação que ha 4 annos vem alcançando o mais feliz successo.

O Almanach d'O Pensa-

mento para 1916 — 4.º anno — contem materia variada e de utilidade geral, sobre sabindo a «Arte de conhecer o homem pelas apparencias do seu rosto», estudo ricamente illustrado, além disso publica a «tabua lunar» para 1916, o guia pratico astrologico ou os «Idias felizes durante 1916», publica tambem uma parte que interessa aos lavradores e donas de casa e uma infinidade de receitas para todos os casos da vida.

Os que desejarem adquirir o magnifico Almanach, podem dirigir-se a Livraria «O Pensamento», Rua Rodrigo Silva, 49 — São Paulo. Agradecemos a Empresa do Pensamento o interessante e instrutivo Almanach que nos offerecem.

Parlis a carvão

Para ser um justiciero e, com razão, proceder (assim manda o homem-vivo), em caza bullo primeiro... E, perfilando a carvão, devagar e com cuidado, darei sempre um perfilado nesta folha do Serião:

I.

Este compra o seu dever. E' fiél (sendo matreiro) e, mui simples, julga ser literato, todo intairo...

Todo ancho de si, lampeiro, aproveita o seu lazer: «Virar-filha» do cantoleiro do sentir — é seu prazer.

Tem graça, amigo leitor, seu viver cheio de maucha, pois aspira em «Promotôr»

defender este torrão e, depois, ir p'ra Alemanha, «conagrar-lhe o coração».

Catê Reda.

EXPEDIENTE

REDATORES:

Sousa Bispo, Immanuel Salomão,
Tunico Braga.

—(o);—

ASSINATURAS

—PAGAMENTO ADIANTADO—

Dentro da cidade... 12000

Fóra... 22000

Numero avulso... \$100

—(o);—

“OS SIMPLES”—Publica-se uma vez por mez.

noite estava prestes a envolver o espaço, quando os últimos raios do sol sepultavam-se no horizonte, voltamos ás nossas residencias, trazendo guardadas, na mente, gratas recordações e risonhas esperanças.

Rocilda Chaves

Perfilando

A'S LEITORAS

E' já pela terceira vez que aqui venho esboçando pelas colunas d'«Os Simples» os meus borrados perfis... a lapis.

Desta vez, amáveis leitoras minhas, procurei perfilar uma demoizete, que fosse um pouco diversa da do numero passado.

E então de papel e lapis em punho, saí de rua em rua, de esquina em esquina, até que deparei, finalmente, com uma senhora que, em pleno meio dia, se conserva á janela de baixo de um sol abrazador e inclemente.

Não tendo, porém, tempo a perder, rabisquei algumas tiras e, tendo sempre os olhos em direção á janela, proseguia o meu atrevido trabalho.

Nesta ocasião discernia no ponto em que mais me interessava e voltava, novamente, a fitar.

Subitamente... (oh! decepção!) ela havia fechado

inopinadamente a janela, e já, em plena rua fazia-me as mais horrendas carêtas.

E' etí, com a minha pobre cara de ralo, tive que suportar, em pé, a torrificancia do sol e, como consolo, ria-me folgadoamente da coitadita que, insultuosamente, apontava-me para outros nortes... com uma palmatoria... na mão.

Vejam agora, as leitoras, se são capazes de conhecê-la.

Comecemos.

E' ela, de estatura mediana, porte... elegante e majestoso.

A sua cutis um pouco pardacenta auxilia a acentuação de um moreno viado e pouco comum.

As suas lindas tranças de um loiro britânico—quando soltas, atinjem e tocam-lhe a opulencia da cintura amena, —são fartas, belas e ainda onduladas.

Aprecia o azul acentuado e é esta, a cor que ela usa, desde a fita que elegantemente prende os seus cabelos d'ouro fusco, até as meias onde, por descuido, paira constantemente um excelentissimo «dia santo»...

Seria demasiado importante relatar aqui todos os seus traços, mas... afirmo ainda que ela habita lá pras bandas ordê «o céu é puro e belo».

Portanto pingo aqui o ponto final do seu «perfil», lembrando ás amáveis leitoras o ar de melancolia que os seus olhos lhe dão, chispando, tristemente, vagarosamente, através da gaze de suas lindas e loiras pestanas.

Os seus dentes enegrecidos... denunciam a presença constante de um respeitável cachimbo... que hoje faz parte da.....

Num zama!

P. M. X.

PINGUINHOS...

No baile de hontem o Ismael estava com pozo pra estrair e o Zé Maninho perdeu a colação...

Notas

O que sempre é notavel em uma pessoa, são seus habitos, porém á cada alteração que neles appareceram, dá logo na vista do povo.

Si se enumerasse as manias pessoais, minuciosamente, necessitava-se, certamente, de grande tempo e trabalho; mas para que estas «Notas» não fiquem como simples manias, arremesso, nestas linhas, alguns de nossas janotas literatos.

Temendo ficar «aledado» (manhozo) vou começar pelo Bispo:

Comceber varios ideais, á sua inicial preocupação Cultivar as muzas, é seu ideal, dando sinete á mulher

Da mulher, faz a quinta essencia de sua lira, escrevendo as poezias:

«Ela», «O nome dela», «O que sinto», etc.

Certa vez, em um dissenho sobre a mulher (ai, ai, ele tem tambem a mania de... orar!) ezaltou-se tanto tanta couza disse, que acabou dizendo: «antes fosse eu uma mulher».

Caramba!

Tanta mania junta, se mesmo pra seu Caodoca.

O Tunico (milagre) se tem uma em atividade: — Muzica.

Depois que a banda de muzica «Euterpe» estreitou «La gaselle», o nosso colega, não mais separou-se de seu velho e amassado piston enzinhavrado.

A classica composição, de E. Mullot, fel-o crear tão grande amizade ao piston, que uma noite sonhara tocando em um piston de ouro, cravejado de brilhantes mas logo ao acordar, oh! decepção, o precioso instrumento arradira-se» (como disse João Pires).

O Alexandre largou a mania de jornalista, para abraçar o comercio, mas contudo, não deixa de, de tempos em tempos, escrever alguma couzinha.

Labor grande está o do Mica: as danadas lagartas não

lhe dão tempo para escrever os seus artigos, em vista disto o nosso amigo resolveu comprar um 420; Agora entrinxei-se em sua roça e está começando a ofensiva, contra as terríveis devastadoras.

O Joaquim Teixeira, segundo consta, largará a vida de bodegueiro e irá para os campos criar cavalos.

Boa mania é a do Capistrano: namorar, dezocupado, falar francez e da vida alheia e nada mais.

Mas para que o leitor não diga, que tenho mania de falar das manias alheias, fecho estas linhas para não ser maniaco.

Am revoir

Alcino

Maranhão Sobrinho

O Maranhão litero-artístico renascente depois do espirito de Costa Gomes, o saudoso dedilhador do Varso, viu, evoluir-se, a 25 de dezembro do ano extinto, no mesmo dia em que nasceu Jesus, a alma iluminada da qual, neste mundo da Fantasia, se chamou Jozé Augusto Americo Olimpio Cavalcante de Albuquerque Maranhão Sobrinho.

Vate genial de lira sonoroza, Maranhão Sobrinho desde tenra idade, através a vida de garoto impertinente que levava, mostrava-se já um espirito superior, uma inteligência invulgar.

Filho desta Veneza. Aqui nasceu no ano de 1890. Estudou primeiras letras com o muito lembrado Professor Miranda e, no tempo de Isaac Martins, pelas colunas d'«O Norte», exercitava-se no vô firme que aspirava pela amplidão azul e vasta do Pensamento.

Boêmio intranzigente. Viava uma vida despreocupada, encarava o mundo com fatal desdém.

Como literato prestou relevantes serviços às letras patrias. Jornalista—ninguém o era mais destemido e corajoso; orador—duma elo-

quência inigualável; poeta—a rima fácil, inspiradas comparações e imagens duma sublimidade sem rival.

Foi-se o «Poeta maior da nossa Terra» para o além, deixando a quem, como testemunho do seu talento privilegiado, *Papeis Velhos, Estatuetas, Vitrórias Rejas* e, aos cuidados dos desvelos de seus amigos de Arte, varias outras produções que serão enfeixadas em volume, constituindo, assim, as suas *Obras Postumas*.

E é glorificando a sua memoria, para nós barracordenses, sempiterna, que, das estreitas e acanhadas colunas deste pequenino periodico, deixamos externados os nossos mais sinceros e indelovéis sentimentos de pesar pela sua viagem ao mundo real, à Vida pura de verdade eterna.

Paz a sua alma!

CHARADAS

Com o presente titulo fica creada, neste jornal, mais uma seção cujo fim capital é torna-lo de leitura variada, procurando, por este meio, agradar os nossos amáveis leitores que, como sempre, nos têm dispensado gentilezas.

= o =

SINOPADAS:

- 4—Cobra encontrada no fruto—2.
3—Se com certo instrumento, ai tura souro do boi—2.

AUMENTATIVAS:

- 2—Instrumento de contar.
2—Saia da floresta e foi para a cidade.
2—Vazilha de metal.

METAGRAMAS:

- Variam as iniciais*
2-2—Que fôra tola, afogar-se no rio!
3-3—Mudei a roupa, na passagem do rio.

NOVISSIMAS:

- 1-2—Logo é bazo, só quem não vê, distingue o fruto.
2-2—Antes do Floran, ele danson habaneira e, depois, danson com o macaco.
1-1—Se descobri, depois da saída, tua existência.

J. S.

TOMANDO NOTA

ABUZO!

O péssimo procedimento, que têm certos garotos desta cidade (ou quem quer que seja), de fazerem garatufas pelas paredes dos edificios, vem de testemunhar a grande falta de civilidade que possuem.

E' um abuzo sem nome!

Escrever, riscar, a cavão, ás horas mortas da noite, com palavrados imoderados, coisinhas que o publico do bom-tom não pode ler, e ser perverso demais, é desconhecer a linha reta que deve seguir no meio social aonde vive.

E' nojento tal proceder!!

SOUZA BISPO

Acha-se de partida, pretende deixar-nos, no proximo dia 11, seguindo para a villa de Marabá, no vizinho Estado do Pará, aonde irá residir com a exma. familia, esta no seu companheiro de labor.

Que vá feliz e realize o seu desejo, que não se esqueça dos seus colegas que, aqui, ficam no labor inxano do jornalismo—é o que lhe deseja mos o á sua Exma familia.

HOSPEDES E VIAJANTES

Aqui chegou, em a noite de sexta feira ultima, á do andante, e pretende seguir brevemente, com a distinta consorte, para a prospera cidade de Carolina, onde exerce o cargo de Promotor Publico, o sur. dr João Nobre.

Partiu para a metropole maranhense, afim de tomar parte nas sessões do Congresso Estadual no vigente exercicio, o illustre major Euclides Maranhão em companhia do não menos illustre Dr. Francisco Moreira de Souza.

Antes de sua partida para o Ceará, aqui esteve, em visita á seus parentes e amigos, o inteligente seminarista Odorico Braga, a quem tivemos o prazer de abraçar.

JOAQUIM TEIXEIRA

Entrou, novamente, a fazer parte desta Redação este estudioso moço. Parabéns.

Celina

Vejo-a sempre á tardinha,
alegre, a rir, a brincar...
a palrar, engracadinha,
quando saio a passear...

De sua mimoza boquinha,
afeita a cantarolar,
aprecio a rizadinha,
quando saio a passear...

...Ao ver-me, toda catita,
corre veloz — que bonita
que vem! — e, muito inocente

indaga: "você não traz
minha letra... quando faz?"
E foje mui sorridente ...

S. B.

TRACOS

Era ao cair da tarde.

A brisa soprava pacífica e
calma produzindo, em nos-
sos ouvidos, um brando e li-
geiro sussurro.

Na avenida entrelaçavam-se
os tranzeuntes que, em gru-
pos, se dirigiam para o "Café
cantante". Nesse estabeleci-
mento exibia-se uma meiga e
sorridente moçoila que era
um todo belo, agradável e
bonito. Os seus olhos azues,
dificilmente pairavam sobre
qualquer creatura que, boqui-
aberta, a aspreitava comovida.

Produzia-me admiração e
curiosidade ver a elegância
do seu traje e, sobretudo,
as riquíssimas joias que lhe
ornamentavam e que mais
graça e encanto lhe empresta-
vam. Tinha os seus anjeli-
cais 18 anos. Seus dentes
porcelânicos cauzariam inve-
ja ao mais belo querubim.

E a sua boca pequenina,
suavizada por carminhos e
sedutores lábios, entreabria-
se, de leve, para dar passa-
gem á melodia que, ela, nes-
se momento, a seu talento,
deixava desprender-se ainda
mais bela, suave, encantadô-
ra. E foi assim, caros leitor-
es, que eu, também, boqui-
aberto e paspalhão, admirei
e contemplei a sua voz, os se-
us lábios e, finalmente, o seu
todo belo e sedutor!...

Ze Rato.

Incrível!

— Precursoras da rotina,
leais amigos do regresso,
porque olvidas a divina
e magna lei do Progresso?..

A superstição — ave negra,
que, com seu diabolico vam-
pirismo, invade as consciên-
cias fracas e se apodera, ava-
ramente, dos incautos para
bem perde-les — tem, no co-
ração de cada pessimista, u-
ma dedicação, um carinho.

E é por isso que, a socieda-
de semi-barbára (ou mesmo
a que se diz culta), descren-
te de Deus e da sapientíssima
lei do Karma, da Cauza e do
Efeito, se deixa conduzir pe-
las aparências, pelos vistozos,
pellicromos e falsos rótulos,
que resguardam pessimismos li-
quidos, laxantes prediletos
dos seus mais baixos, vis e
tacanhos instintos.

Para a formação do carater
individual muito concorrem a
influencia do meio em que vi-
vemos. D'ali tiramos os ma-
teriais preciosos para const-
tuirmos, no intimo, em nos-
so EU, um céu venturoso ou
um inferno inclemente, reca-
mado de acézas brazas e di-
vidido em ignívomos apozeu-
tos...

Logo, o meio, deve ser nu-
do preconceitos; a atmosfera
circundante impregnada de
bons flúidos.

Barra do Corda, numa in-
cência prejudicial, hospedou,
em dias de janeiro extinto,
um desses espiritos amantes
dos preceitos de majia, des-
vendadores de "mistérios",
cujo nome, jeralmente conhe-
cido, era Manoel Passador.

A população, curiosamente
despertada pela fama de suas
« curas infalíveis », temendo
as infernaes consequências da
« amarração », correu, sofrega
e esperançoza, ao seu en-
contro, confessando-se crente
e submissa ás suas sabias pa-
lavras.

— Era uma balburdia!

O pobre passador já não ti-
nha licença de descansar um
pouco, tam grande era o nu-
mero de seus clientes...

De caça em caça, de lar em
lar, era, o mestre Mandinga,

o deuzinho, o iluminado (e
dizer de muitos), recebido
debaixo do maximo respeito e
consideração.

Beatas, etias carólas, e
piritistas, protestantes, ateus
e todos que sofriam da crisi
pecuniária, da falta de noivo
e duma fé ignorante, procu-
ravam, consultavam o tal en-
viado...

Ele a todos ouvia piamente
a todos receitava e curava...
todos ficaram na mesma
— quebrados, sem dinheiro
enfiteçados, sem saúde.

Era uma medomania de m-
catadura!

Não havia quem quizesse
ficar sem ouvir as suas « de-
ces e inspiradas revelações ».

Tanto fizeram, tanto mix-
ricaram, que, o Mage, chegou
a ser prezo, incomunicavel.

E' incrível e é vergonhoso
tanto fanatismo, tanta super-
stição!

O Ocultismo puro, a Majia
Branca — filosofia do antigo
Egipto e Grécia, cultivada e pr-
pagada pelos Iniciados da an-
tiguidade: Hermes Trismegis-
to, Pitagoras, Secretes, Cor-
fucio, Cristo e muitos outros
Instituidores da Humanidad
— tem por fim despertar as
energias creativas, as forças
ocultas latentes na Natureza
e no Homem, dirigindo-as pa-
ra o bem comum, fitando, u-
nicamente, o veemente de-
sejo de desenvolver espirital das ra-
ças.

O baixo ocultismo, a majia
negra ou feitiçaria, trata de
incitar (não ha negar) os
baixos ideais da alma
mercantilizando tudo, cojitar
do de, egoisticamente, apodi-
rar-se dos necios e ignoran-
tes, para o seu unico provei-
to.

Souza Dias.

CA' POR CAZA — Deixou de
fazer parte, deste jornal, o sr.
João Pires.

Sem sabermos por que, ao gal-
garmos « mais um degrau », o Pi-
res, que sobira, conosco, os dois
primeiros, resolveu (diz) descan-
çar um pouco...

Que pena!
Agora, leitor querido, ficaste con-
o gostinho de ler os seus « belos
e variados escritos ».

Que descança em paz, que
se conserve calado, literariamen-
te falando, são os nossos votos.